

A nação e as narrações híbridas

Literatura hispânica dos
Estados Unidos

Sonia Torres

*was fun runnin' 'round descalza
playing hopscotch
correr sin pisar líneas
Evangelina Vigil*

¹. GARCIA CANCLINI, Néstor.
Consumidores e cidadãos.
Conflitos multiculturais da
globalização. Rio de Janeiro:
Editora UFRJ, 1995. p. 120.

Neste breve espaço, desejo discutir o modelo de “nação”, baseado no conceito de unidade, em contraposição às práticas discursivas empregadas na produção literária, que desconstroem o discurso totalizante por meio de textos híbridos. Embora a tendência a se narrar o multiculturalismo das nações seja crescente, ainda podemos observar que *nos conflitos interétnicos e internacionais, encontramos tendências que se obstinam em conceber cada identidade como um núcleo sólido e compacto de resistência; por isso, exigem lealdades absolutas dos membros de cada grupo e satanizam os que exercem a crítica ou a dissidência. A defesa da pureza se impõe em muitos países em oposição às correntes modernas que buscam relativizar o específico de cada etnia e nação a fim de construir formas democráticas de convivência, complementação e governabilidade multicultural.*¹

Como ponto de partida para minha discussão, pincei dois exemplos de doutrina fundamentalista de “nação”, no discurso de dois porta-vozes de países do centro. O primeiro deles é um artigo recente, publicado no jornal inglês *The Sunday Times*. Nele, seu autor lamenta a corrupção da língua inglesa pelos jargões tecnológicos, pela linguagem de computador e, *last but not least*, pelos norte-americanos, através do cinema e da mídia de uma maneira geral. Ele transcreve, ainda, as palavras de um representante da

hegemonia inglesa, o Príncipe de Gales, em apoio à campanha *English 2000* do Conselho Britânico:

We must act now to ensure that English, and that to my way of thinking means English English, maintains its position as the world language well into the next century.²

². MILLAR, Peter. Why we will soon be lost for words. *The Sunday Times*, 2 abr. 1995, p. 10 e 12.

A insistência em defender uma língua-pátria “pura” e inadulterada surge quando as discussões sobre identidade nacional encontram-se ancoradas à idéia de unidade, que, por sua vez está diretamente associada à preocupação com a supremacia. O referido artigo revela (embora não “diga” explicitamente) que, uma vez dissolvido o Império Britânico, e perdida a hegemonia conseguida através da colonização, os ingleses passam a perceber que sua língua-mãe tornou-se “vítima de seu próprio sucesso”. O que – significativamente – não é abordado uma única vez é a própria situação *interna* da Inglaterra: a presença de uma população cada vez mais numerosa de sujeitos pós-coloniais que, lançando mão da língua inglesa para se expressarem, subvertem-na, no entanto, com interferências de sua cultura de origem. A questão nacional e o próprio conceito de nação adquirem contornos interessantes neste caso, porque o conflito parece surgir do fato de a Inglaterra querer proclamar sua *exclusividade* hegemônica. O que parece subjazer ao lamento pelo triste destino da língua de origem (já em si um conceito complexo, visto que ele se encontra fortemente ligado ao mito de “autenticidade”) é um sentimento de ansiedade ante o deslocamento do poder econômico para outra nação que não seja a Inglaterra. No caso, o que causa ruídos nos ofendidos e reais ouvidos ingleses é o poder dos EUA – um império sem colônias, dirigindo fluxos de capital, mercadorias, armamentos e a mídia em escala global. O último recurso que sobra para o antigo império é agarrar-se ao que lhe aparece como tábua de salvação – a língua inglesa “autêntica” – na tentativa de assegurar o mito de unidade da nação como força simbólica. Mas pensar a nação como totalidade homogênea revela-se complexo e problemático, uma vez que a Inglaterra hoje se encontra “invadida” por uma vasta onda de “imigrantes” pós-coloniais. Nas palavras de Stuart Hall,

...in this very moment of the attempted symbolic restoration of the great English identities that have mastered and dominated the world over three or four centuries, there come home to roost in English society some *other* British folks (...) Just in the very moment when they decided they could do without us, we all took the banana boat and came right back home. We turned up saying “You said this was the mother country. Well, I just came home”. We now stand as a permanent reminder of that forgotten, suppressed, hidden history (...) There we are, inside the culture, going to their schools, speaking their language, playing their music, walking down their streets, looking like we own a part of the turf, looking like we belong.³

³. HALL, Stuart. Ethnicity: Identity and Difference. *Radical America*, 23 (4): 9-20, 1991, p. 17-18.

Paralelamente, podemos observar fenômeno parecido ocorrendo nos EUA, o país que está sendo atacado como sendo o culpado pela última coisa que ainda poderá garantir a posição hegemônica do *English English* “até o próximo século”. A fim de garantir a posição hegemônica do *American English* até não se sabe quando, os norte-americanos atacam o uso do espanhol, que, já considerado segunda língua em nível nacional, constitui ameaça constante à segurança e unidade dos EUA. As palavras de Terry Robbins, ex-chefe de “English operations” na Flórida atestam esta afirmativa:

4. cit. por J. Califa: Declaring English the Official Language: Prejudice Spoken Here. *Harvard Civil Rights-Civil Liberties Law Review*, 24:321 (1989). Apud FLORES, Juan & YÚDICE, George. Living Borders/buscando America. *Social Text*, 24 (2): 8, 1990.

There are misguided persons, specifically Hispanic immigrants, who have chosen to come here to enjoy our freedoms, who would legislate another language, Spanish, as co-equal and co-legal with English (...) If Hispanics get their way, perhaps someday Spanish could replace English entirely (...) We ought to remind them, and better still educate them to the fact that the United States *is not a mongrel nation*.⁴ (o grifo é meu)

5. BHABHA, Homi, org. *Nation*

Ao afirmar que os EUA não são uma nação mestiça, Robbins parece preferir ignorar que os mexicano-americanos, por exemplo, da mesma forma que os imigrantes pós-coloniais ingleses, sentem-se “em casa” ao atravessarem a fronteira entre o México e os EUA, visto que, para a maioria, trata-se de um retorno às suas terras ancestrais, conquistadas pelos norte-americanos. Ele também fecha os olhos, oportunamente, para o fato de que inúmeros dos imigrantes que lá se encontram, “gozando de (suas) liberdades”, fogem de suas terras natais em conseqüência da política externa neocolonialista norte-americana.

and *Narration*. Londres: Routledge, 1993.

6. *id.*, *ibid.*, p. 1.

A fim de tentarmos compreender melhor essas contradições internas das nações liberais modernas, gostaria de referir-me, neste ponto, à obra de Homi Bhabha, *Nation and Narration*.⁵ Nela, o autor observa que as nações, da mesma forma que as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e apenas realizam seus horizontes no nível do imaginário (Bhabha baseia-se fortemente na obra de Benedict Anderson, *Imagined Communities*, mesmo quando discorda dela). Acrescenta ainda que, embora tal imagem da nação aparente ser romântica e excessivamente metafórica, é dessa tradição de pensamento político e linguagem literária que surge a nação como idéia poderosa no Ocidente.⁶ Assim, “nação” seria apenas um espaço de significação cultural. Espreitando por trás desse espaço existe uma ambivalência entre dois níveis de discurso: o *pedagógico* e o *performativo* (“performative”). No primeiro, o povo é visto como presença histórica *a priori*, como mero objeto pedagógico; no segundo, o povo como imagem de totalidade sofre a interferência da sua significação como signo diferenciador, do sujeito enquanto distinto do *outro*, ou do espaço *de fora*. Apesar da certeza com que os historiadores tradicionais falam das “origens” da nação como sinal de “modernidade” de sua sociedade, a temporalidade cultural da nação inscreve uma realidade social muito mais complexa: ao mesmo tempo em que a nação é

construída, ela vai sendo desconstruída por interpretações sucessivas, cujas contradições mútuas demonstram a ausência de qualquer “centro originário”. A nação torna-se um espaço marcado internamente pela diferença cultural e pelas histórias heterogêneas de povos conflitantes, autoridades antagonistas e espaços culturais em constante tensão.⁷

Examinemos um trecho do conto “Bien Pretty”,⁸ da autora chicana Sandra Cisneros, em que duas amigas discutem a decisão de uma delas (a narradora) de ir morar no Texas, um estado emblemático da conquista territorial, da expansão de fronteiras e de conflitos sangrentos pela posse de terras norte-americanas – um estado que outrora pertenceu ao México, tendo sido independente durante um breve período, e, finalmente, incorporado ao território dos EUA; uma verdadeira fronteira em perpétuo movimento, por onde sempre transitaram os mexicanos, em um movimento incessante de ir-e-vir, e que deu origem ao mito e à popular balada de fronteira sobre Gregório Cortez, aquele que teria combatido os Texas Rangers, *los Rinches*, “com apenas uma pistola na mão”.⁹

“TEX-as, *what are you going to do there?*” Beatriz Soliz asked this, a criminal lawyer by day, an Aztec dance instructor by night, and my closest *comadre* in all the world. Beatriz and I go back a long way. Back to the grape-boycott demonstrations in front of the Berkeley Safeway. And I mean the *first* grape strike.

“I thought I’d give Texas a year maybe. At least that. It can’t be *that* bad.”

“A year!!! Lupe, are you crazy? They still lynch Meskins down there. Everybody’s got chain saws, gun racks and pickups and confederate flags. *Aren’t you scared?*”

“Girlfriend, you watch too many John Wayne movies”.

To tell the truth, Texas *did* scare the hell out of me. All I knew about Texas was it was *big*. It was *hot*. And it was *bad*. Added to this, was my mama’s term *teja-NO-te* for *tejano*, which is sort of like “Texcessive”, in a redneck sort of way. “It was one of those *teja-NO-tes* that started it”, Mama would say. “You know how they are. Always looking for a fight”. (p. 141-142)

O diálogo das duas comadres modernas parodia “remember the alamo”, oferecendo uma versão chicana e feminina da historiografia do mexicano-americano desde os conflitos de fronteira até as greves dos trabalhadores rurais, os *braceros*, sugerindo uma longa história de resistência, que iria desaguar no Movimento pelos Direitos Civis dos anos 60. O imaginário das personagens está povoado de imagens que subvertem a história oficial, abrindo, desta forma, um espaço para que a margem possa narrar sua versão da nação.

Se o povo de determinada nação é a articulação do movimento ambivalente entre o pedagógico e o performativo descrito por Bhabha, a própria nação deixa de ser o signo de modernidade sob o qual as diferenças culturais são homogeneizadas, em uma visão horizontal da sociedade. A nação, ao contrário, revela, em sua representação ambivalente e vacilante, a etnografia

⁷. *id. Ibid.*, p. 298-299.

⁸. CISNEROS, Sandra. In: *Woman Hollering Creek (and Other Stories)*. N. York: Random House, 1991, p. 137-165.

⁹. Refiro o leitor à obra de Américo Paredes, *With His Pistol in His Hand: a Border Ballad and its Hero*. 8ª ed. Austin: U of Texas P, 1990 onde o antropólogo chicano analisa a popular balada de fronteira.

¹⁰. BHABHA, *op. cit.*, p. 300.

de sua própria historicidade e a abre a possibilidade para outras narrativas de seu povo e suas diferenças – o que Bhabha chama de “dissemi-nação”.¹⁰ Sendo assim, as narrativas produzidas por culturas em oposição ao cânone não somente assinalam como apagam as fronteiras totalizadoras, tanto reais quanto imaginárias, de discursos essencialistas como os que foram apresentados como exemplo na abertura deste estudo. A obra de Bhabha nos ajuda a pensar de que forma, ainda, a língua, utilizada como estratégia neoconservadora, a fim de garantir uma suposta homogeneidade cultural, pode também servir de instrumento para criticar concepções monolíticas de “nação”. No caso específico da população hispânica dos EUA, que emprega o *Spanglish* como prática cultural, observamos que a identidade do sujeito de origens hispânicas da América do Norte é buscada dentro do *double bind* gerado pela tensão entre duas culturas das quais ele/ela faz parte – uma anglo-americana, outra latino-americana. Sendo assim, sua linguagem dissemina-se em línguas e tradições híbridas que determinam seu lugar de fala como sendo *outro*, em oposição ao do espaço monocultural. O *code-switching*, mudança de código lingüístico, praticado ao longo das narrativas dos chamados *latinos* assinala a heterogeneidade sócio-histórica da própria América do Norte.

No mesmo conto de Sandra Cisneros, podemos observar, além do espanhol mesclado com o inglês, a função de duplo da narradora:

Ay! to make love in Spanish, in a matter as intricate and devout as la Alhambra. To have a lover sigh *mi vida, mi preciosa, mi chiquitita*, and whisper things in that language crooned to babies, that language murmured by grandmothers, those words that smelled like your house, like flour tortillas, and the inside of your daddy's hat, like everyone talking in the kitchen at the same time (...) *That language.* (p. 121)

A duplicidade da narradora demonstra sua própria ambivalência em relação à sua cultura de pertencimento: ela se encontra *dentro*, e ao mesmo tempo *fora* da cultura mexicana, fato que marca tanto a possibilidade quanto a impossibilidade de identificação total com a cultura de origem. Somente através da compreensão dessa ambivalência, do “desejo do Outro”, poderemos evitar a adoção fácil da noção de um *outro* homogêneo, como quer a cultura hegemônica. O momento vivido pela narradora de “Bien Cute” coincide com o que Homi Bhabha descreve como o momento de interrogação da identidade:

(...) the encounter with Identity occurs at the point at which something exceeds the frame of the image, eludes the eye, evacuates the self as site of identity and autonomy and – most importantly – leaves a resistant trace, a stain of the subject, a sign of resistance. We are no longer confronted with an ontological problem of being but with the discursive strategy of the ‘moment’ of interrogation; a moment in which the demand for identification becomes, primarily, a response to other questions of signification and desire, culture and politics.¹¹

¹¹. BHABHA, Homi. *Interrogating Identity. ICA Documents* 6. Londres: Institute of Contemporary Arts, 1987, p. 6.

Ao fazer com que sua narradora interrogue a identidade, através da referência ao espanhol – uma das línguas que (in)formam sua história, e portanto *uma* das formas possíveis de identificação/identidade. Cisneros traz para a esfera pública precisamente o momento descrito acima, em que “a necessidade de identificação torna-se, primeiramente, uma resposta a outras questões de significação e desejo, cultura e política”. Juan Flores e George Yúdice observam que

Language (...) is the necessary terrain on which Latinos negotiate value and attempt to reshape the institutions through which it is distributed. This is not to say that Latino identity is reduced to its linguistic dimensions. Rather, in the current sociopolitical structure of the United States, such matters rooted in the ‘private sphere’, like language (...), sexuality, body, and family definition (...) become the semiotic material around which identity is deployed in the ‘public sphere’.¹²

¹² FLORES & YÚDICE. *Op. cit.*, p. 61.

Sem sacrificar o hibridismo de tradições que constitui sua identidade, o sujeito *latino* procura inscrever-se como um norte-americano cujo lugar de fala possui elementos lingüísticos e culturais que ainda não foram ouvidos. No poema “AmeRícan”,¹³ Tato Laviera não somente afirma sua condição como americano de origem porto-riquenha, como também abre uma nova perspectiva, através do jogo com a palavra “American”, para o conceito de americano. Sua visão de “americano” não é uma proposta de fechamento, como quer o modelo monocultural do centro; ela propõe, antes, uma América “sendo inventada”:

¹³ LAVIERA, Tato. *AmeRícan*. Houston: Arte Público Press, 1981, p. 94-95.

(...)
 we gave birth to a new generation
 AmeRícan salutes all folklores,
 european, indian, black, spanish,
 and anything else compatible:
 (...)
 AmeRícan, defining myself my own way any way many
 ways Am e Rícan, with the big R and the
 accent on the í!
 AmeRícan, like the soul gliding talk of gospel boogie music!
 AmeRícan, speaking new words in spanglish tenements,
 fast tongue moving street corner “que
 corta” talk being invented at the insistence
 of smile!

Em seu poema intitulado “Asimilao”,¹⁴ Laviera demonstra que o sincretismo lingüístico-cultural não é uma forma de integração (assimilação) ao espaço hegemônico, e sim uma estratégia de ressignificação, através de articulações *outras*, sistematicamente ignoradas pelo *mainstream* norte-americano:

¹⁴ *id.*, *ibid.*, p. 54.

assimilated? Qué assimilated,,
 brother, yo soy asimilao,
 así mi la o sí es verdad
 tengo un lado asimilao..
 you see, they went deepAss
 ohthey went deeperSEE
 oh, oh they went deeperME
 but the sound LAO was too black
 for LATED, LAO could not be translated. assimilated,,
 no, asimilao, melao,
 it became a black
 spanish word but
 we do have asimilados
 perfumados and by the
 last count even they
 were being asimilao
 how can it be analyzed
 as american? (...)

Jogando com o som das palavras asimilado/assimilated, Laviera mostra a impossibilidade de integração ao centro, pois para este ele é invisível: SEE ME. Como o Homem Invisível de Ralph Ellison, ele escapa ao olhar de uma sociedade que teima em não vê-lo. Nas palavras de Laviera, “o som LAO foi negro demais para eles”. Seu “lado asimilao” é seu lado negro: graças à influência africana em Porto Rico, a pronúncia da palavra espanhola “asimilado” passou a ser pronunciada “asimilao”, Portanto, como “assimilada/asimilao”, com seus diversos “lados”, pode ser analisado como (nor-te)americano, dentro de uma tradição que concebe a identidade como um objeto da visão acabado, totalizante? É esta a pergunta que o poeta *nuyorican* parece se fazer.

Vimos, nas obras selecionadas como exemplo, que os escritos dos norte-americanos de origem hispânica frequentemente lançam mão do embricamento de elementos culturais, históricos e lingüísticos norte-americanos (EUA) com os de seus países de origem, rearticulando-os de forma a narrar uma nação outra, que sugere contextos histórico-culturais que incluem tanto a experiência indígena ou de povo conquistado em sua própria terra (no caso dos chicanos) quanto a africana (no caso de autores e autoras do Caribe). A utilização de “padrões de interferência”, como o emprego do *SpanGLISH* como prática discursiva torna-se um mecanismo poderoso de resistência ao atual apego neo-imperial com a etnicidade monoglóssica, como pudemos observar nos exemplos de discursos dos “guardiães” dos países do centro, para quem o “outro” representa ameaça constante à suposta experiência “comum” da nação. O *outro* – assim como a “nação” – não constitui, no entanto, um todo homogêneo. E, assim, para concluir, gostaria de lembrar a existência de um paralelo a ser assinalado entre as vozes contra-hegemônicas trazidas para este

estudo e os discursos literários dos países periféricos. Porque apontam a crise das centralidades, tanto os textos produzidos dentro das margens do chamado Primeiro Mundo, quanto aqueles produzidos no (ainda) chamado Terceiro Mundo, desestabilizam a tentativa de se estabelecer uma idéia monocultural de nação, em um novo contexto globalizado, onde as nações já não são espacialmente delimitadas, e tampouco seus cidadãos compartilham uma mesma experiência ou identidade nacional. Ao contrário, acredito terem nossas nações periféricas um diálogo a ser travado com o Terceiro Mundo que habita, hoje, os países do centro. Nos escutando uns aos outros, e unindo nossas vozes “outras” talvez possamos desobstruir o caminho que aponta uma perspectiva de via única gerada pela tradição etnocêntrica e pelo rumo neoconservador que vem tomando a globalização, com a disputa dos responsáveis pela manutenção do *status quo* do centro por quem vai ser o “primeiro” no próximo milênio.